

# O PROFESSOR NA IDADE MÉDIA E DO SÉCULO XXI <sup>1</sup>

Vargas, Marinês da Silva <sup>2</sup>

Ellvange, Chalito, Ivanice <sup>r3</sup>

## RESUMO

Este artigo trata de descrever sobre a importância do papel do professor dentro da história educacional. Trás sua historicidade como foi acontecendo ao longo dos anos à transformação da educação desde idade média até nossos dias atuais. O professor tem papel fundamental na vida de uma criança, no seu processo de ensino e aprendizagem, como também precisa estar sempre se aperfeiçoando com novas tecnologias e buscando sempre estar atualizado com mundo moderno e tecnológico. Uma das profissões mais antigas do mundo é crescente a crise que atravessa, lecionar nos dias de hoje está cada vez mais difícil, pois o mundo modificou muito rápido em comparado ao professor que ainda ensina igual estivesse na idade média.

**Palavras – chave:** Professor. Inovação. Ensino e Aprendizagem.

## 1. INTRODUÇÃO

Educar é proporcionar ao aluno conhecer a si próprio, leva-lo à consciência de poder ser mais, reconhecendo que é chamado a encontrar-se no mundo com o outro e não mais solitário em seu “mundo”. Portanto, o professor como mediador para ensinar o aluno a ser reflexivo precisa estar atento a todos os elementos necessários para que o aluno aprenda e se desenvolva integralmente.

Educar é possibilitar a conscientização e humanização, mediatizando aos alunos as condições para que se desenvolvam em todas as suas potencialidades. Assim o educando aparece como primeiro agente do processo educativo, em cooperação com os demais, sendo ativo, participante, reflexivo e crítico.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado para o Instituto Educacional Sem Fronteiras.

2. Graduada em Pedagogia em Séries Iniciais e Administração Escolar. Professora na Creche Municipal Ignês Bresolin Giongo.

2. Graduada em Pedagogia Professora e Auxiliar de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Uma das profissões considerada mais antiga do mundo está em crise, pois a cada dia que passa fica mais difícil lecionar nos dias de hoje, uma das razões é a falta de investimentos por parte do governo, tanto no âmbito federal, estadual e municipal, pois não oferece condições para que o educador possa educar conforme os avanços tecnológicos.

## **2. EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA**

Na Idade Média havia um monopólio da cultura e do pensamento por parte da Igreja Católica, a educação teve grande influência religiosa. Eram os integrantes da Igreja que estabeleciam o que deveria ser estudado, os conteúdos e os objetivos da educação. As escolas eram, portanto, associadas às instituições religiosas católicas. Embora controlada pela Igreja, a educação não ficou apenas no campo religioso, abrindo também espaço para o estudo das ciências, técnicas e habilidades. Principais objetivos da educação medieval era transmissão de técnicas adquiridas; formação religiosa; desenvolvimento da leitura e escrita do latim e o desenvolvimento de habilidades como falar, refletir, pensar, debater e concluir.

O ofício de professor é muito anterior as primeiras instituições educadoras e ao desenvolvimento da escrita. A importante função de repassar aquilo que era considerado importante, fez com que o ser humano produzisse as mais variadas maneiras de se relacionar com o mundo que o cerca. Dessa forma, a educação sofreu mudanças desde a Antiguidade até os dias atuais.

Os pedagogos eram os escravos que levavam os filhos da classe mais alta para observar os filósofos nas ágoras, dessa maneira, não havia uma relação estabelecida entre o processo ensino-aprendizagem. Após o surgimento da democracia na Grécia Antiga, a busca por explicações relacionadas a existência deixa de ser o foco principal das questões filosóficas.

Assim surgem os sofistas, que ensinavam a quem pudesse pagá-los, procurando persuadir e convencer aqueles que lhe escutavam. Embora os processos relacionados a educação variassem de uma sociedade para a outra, a figura do professor sempre esteve à frente desses processos, além disso, a educação tinha papel centrado na figura do sofista no processo de ensino-aprendizagem, e mesmo enveredando discussões mais intensas acerca da constituição pessoal e profissional do professor, pode-se dizer que desde a Antiguidade, a figura central do processo educacional era o professor. A gênese da profissão professor se dá na Idade Média.

A catequese pregada pelos jesuítas, assegurou a conversão da população indígena à fé católica e permaneceu por um período de 210 anos na história brasileira, porém na segunda metade do século XVIII, o trabalho educacional dos jesuítas começa a entrar em decadência, e é no ano de 1759, por meio de uma ação militar, que o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas do território brasileiro, acreditando que estes estavam fortalecendo, acumulando riquezas e diminuindo o poder da Coroa Portuguesa. Pombal instaura uma educação enciclopédica e laica, instituindo, um ensino pelo e para o Estado, com objetivos e métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, restringindo a criatividade individual, mantendo ainda a submissão aos europeus.

As reformas pombalinas causaram uma queda no nível do ensino, pois o país ficou cerca de 10 anos sem um ensino de qualidade, já que as aulas eram ministradas por professores mal preparados, iniciando um processo de organização e normatização do exercício da profissão docente.

A partir do século XVIII era preciso uma autorização do Estado para lecionar. Essa autorização é adquirida através de um exame requerido pelas pessoas que tivessem acima de 30 anos, possuíssem um comportamento moral e conhecessem o que deveriam ensinar, delineando assim, um perfil de professor para lecionar. Já no ensino de primeiras letras, precisavam ter alguns conhecimentos básicos, como ler, escrever e contar.

A primeira instituição de preparação de professores no Brasil foi instalada a partir de 1820, baseado num ensino mútuo através do método

Lancaster, ensino caracterizado pela falta de contato entre aluno e professor. Este instruía um monitor para atender aos alunos da classe. Ao mesmo tempo em que o aluno atuava como monitor, era treinado para o ofício de mestre.

No século XIX, com uma acentuada expansão escolar, e uma procura social cada vez mais forte, ressurgem preocupações e críticas com relação à educação e ao ensino. Em meio a isso tudo, o método Lancaster começa a enfraquecer pela falta de uma organização educativa e falta de instrumentos pedagógicos. Neste contexto ocorre a criação de instituições de formação, das quais se destacam as escolas normais, instituições que representam uma conquista importante do professorado e contribuem para o processo de profissionalização da atividade docente. Elas apresentavam um local específico, estrutura e organização própria, com a intenção de formar o professor, com um ensino estritamente limitado em conteúdo. Estas escolas preocupavam-se mais com sua estrutura do que com a qualidade do próprio ensino, sendo que, para entrar nestas instituições, era preciso fazer um exame de admissão a partir dos 18 anos de idade.

Com as novas exigências e o fato das escolas normais passarem por problemas quanto à estrutura do ensino, o então curso normal dessas escolas, é transformado em cursos complementares. Não há mudanças no currículo, a única modificação era que, para ingressar nesses cursos seria necessário somente, ter o ensino primário preliminar, e foi instituído um ensino com um ano de prática. O método adotado foi o de professores adjuntos (que surgiu para substituir o método Lancaster), que consistia nos alunos de 12 ou 13 anos, que possuíssem um conhecimento satisfatório, observarem a aula do professor, objetivando aprender por meio da observação e imitação para mais tarde poder ensinar sendo estimulado por uma pequena remuneração.

Até o século XIX, o corpo docente em sua grande maioria, era formado por professores homens, pois acreditava-se que as mulheres não eram capazes de desenvolver esse trabalho. Ao longo da segunda metade deste século, houve uma crescente saída dos homens do ofício de professor devido à ampliação das oportunidades de formação e de trabalho nas indústrias e o advento da expansão do capitalismo. Dessa forma, visando à modernização da

economia, viram a educação como elemento essencial para o desenvolvimento do país, reconhecendo a necessidade de um investimento na educação feminina na época. Então, o magistério passa por uma nova fase com a entrada de muitas mulheres no ensino primário a partir dos anos 1940, correndo uma divisão das funções entre homens e mulheres ao atuarem na docência: as mulheres tinham que ensinar as meninas, tendo mais crianças para instruir e não educar, pois tinham a obrigação de ensinar apenas o necessário para se viver em sociedade e os cuidados domésticos, enquanto os homens, ensinavam os meninos, sendo que avaliavam seus alunos diferentemente e tinham programas e currículos distintos.

A partir do século XIX, com a proclamação da Independência, há um crescimento de escolas superiores no Brasil, e houveram algumas tentativas de criar a primeira universidade no país, porém nenhuma saiu do papel, pois a política de colonização naquela época não via justificativa para a criação de uma instituição desse gênero na colônia, já que tinha-se a preocupação de que a criação de universidades abrisse possibilidades de formação de intelectuais críticos que futuramente vissem a contestar as ações da coroa. Essas tentativas sem êxito continuaram durante cerca de um século, pois todos os esforços de criação de universidades, nos períodos colonial e monárquico, foram fracassados. Dessa forma, para obter uma formação universitária, os altos funcionários da igreja e da coroa, e os filhos dos grandes latifundiários, graduados nos colégios jesuítas, tinham que se deslocar para a Europa, principalmente para Coimbra para cursar uma universidade, e quando voltassem seriam os futuros letrados, os que voltariam ao Brasil para administrá-lo. Desse modo, a implantação do ensino superior no Brasil, surge a partir de 1908, com a chegada da Família Real (expulsos de Portugal pelos franceses). Nesse período, era necessários profissionais que atendessem as principais necessidades: educação, saúde e infraestrutura. Dessa forma, a solução considerada mais adequada e pertinente pela coroa foi a criação de escolas voltadas para a formação de oficiais, médicos e engenheiros, com uma educação superior, caracterizada pela subordinação ao governo central, de caráter profissionalizante. Inicialmente foram criadas escolas isoladas, as chamadas cátedras, que eram unidades de ensino extremamente simples,

formadas por professores que ensinavam a seus alunos em locais improvisados, cobrando pelo serviço.

Em 1813, evoluíram e tornaram-se academias e faculdades especializadas com locais próprios e fixos. Entretanto, todas as tentativas de implantação de entidades universitárias durante o período de 1843 a 1920, foram fracassadas. Assim, a primeira universidade de fato, a obter sucesso e continuidade, foi a Universidade do Rio de Janeiro, primeira instituição criada legalmente pelo Governo Federal, que juntou as Faculdades Federais de Medicina e Engenharia, com a faculdade de Direito em uma única instituição realmente voltada para o ensino e pesquisa.

Durante o governo de Getúlio Vargas, ocorre uma expansão no número de instituições universitárias pelo Brasil, e a partir de 1964, com a instauração do regime militar, o cenário nas universidades passa a sofrer rigorosas mudanças. Esse regime procurava impedir os debates travados pelos movimentos estudantis dentro e fora das universidades, através de métodos violentos e repressivos, tentando silenciar alunos e professores.

Entretanto, esses movimentos não acabaram por causa da repressão da ditadura, e no início do ano de 1968, a mobilização estudantil era intensa após a implementação da Reforma Universitária, exigindo novas medidas que buscassem solucionar os problemas educacionais constantes na época e por uma nova organização do ensino superior, consolidando ensino, pesquisa e extensão. A partir dos anos 70 houve uma expansão do ensino superior pelo país, pois havia a exigência de uma melhor qualificação profissional, decorrente do avanço do capitalismo. Entretanto, houve uma perda da qualidade do ensino e a expansão da iniciativa privada no ensino superior, que se tornaram características marcantes do período.

Durante todo esse período de criação e instalação das primeiras escolas de ensino superior no Brasil, ocorreram várias mudanças no que diz respeito a educação brasileira, sendo que hoje em dia, as universidades estão voltadas para a formação de vários profissionais, nas mais diferentes áreas do conhecimento, e, portanto, para a área da educação, estas instituições têm por

finalidade, a preparação de professores para o ensino e o exercício da profissão docente.

## **2.1. Educação no Século XXI**

Uma das profissões mais antigas do mundo está em crise, lecionar nos dias de hoje está cada vez mais difícil, pois o mundo modificou muito rápido em comparado ao professor que ainda ensina igual estivesse na idade média. O professor do século XXI deve ter um novo comportamento diante das novidades tecnológicas deve estar integrado a essas tecnologias de forma que essas possam ajudar no ensino do aluno.

Hoje o conceito de professor deve ser mudado passando daquele que ensina para aquele que mostra o caminho por onde deve percorrer no processo de aprendizagem do aluno, sabendo que as mudanças estão cada vez mais rápidas. O novo professor deve estar sempre atualizado com o que há de mais moderno, saber utilizar essas tecnologias para melhorar a aprendizagem como também admitir não ter todas as respostas e buscar por elas junto com os alunos mantendo a autoridade sem ser autoritário.

O professor continua um dos maiores agentes transformadores de uma sociedade que busca chegar ao equilíbrio, tanto econômico como social, é um dos poucos agentes sociais que ainda tem grande capacidade de formar cidadãos para que atuem no mundo de forma consciente e equilibrada. As dificuldades que o professor tem em ensinar hoje em dia, a sociedade já sabe, cabe que todos agora transformem uma das profissões mais antigas e transformadoras do mundo em um bem comum.

O Brasil mais do que nunca precisa de bons professores, salários melhores, melhores condições de carreira, isto só será alcançado quando todos fizerem uma verdadeira revolução na educação. O educador do nosso tempo tem um compromisso com a construção das competências sociais, pessoais e tecnológicas dos seus alunos. Precisa criar as condições de

conhecimento, consciência e capacidade de pensar que os coloquem frente aos desafios da vida, prontos para decidir de modo complexo, ou seja, pensando em seus interesses imediatos, futuros e também nos interesses coletivos e comunitários.

É necessário que o professor nesta nova perspectiva seja parceiro de seus alunos, estimulando a motivação dos mesmos a serem autônomos, com consciências críticas e participativas, pois é essencial esta troca e a busca de novos conhecimentos. As tecnologias atuais são vitais para o desenvolvimento humano e auxiliam muito na correria do dia-a-dia, mas é importante que o educador esteja preparado e disposto a proporcionar as duas vertentes desse processo de mudanças, para que os jovens possam ser agentes de sua história e do seu país.

O professor do século XXI deve saber produzir, de forma que haja um constante aprendizado com relação a si e ao aluno, levando os mesmos a buscarem processos de investigação e pesquisa. Os professores, enquanto intelectuais, precisam ser fomentadores de mudanças, incentivando seus alunos nesta luta contra as injustiças sociais, econômicas e políticas para assim buscar soluções para os problemas da atualidade.

Na educação do século XXI, seu público alvo deve receber a ideia de unidade da espécie humana, sem camuflar as diversidades.

O mundo contemporâneo apresenta mudanças que afetam todos os setores da sociedade, inclusive a educação. Estas mudanças, irreversíveis, estão relacionadas ao desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que instituem diferentes concepções de tempo e de espaço e possibilitam ao professor desenvolver novas práticas pedagógicas.

Os professores precisam adquirir novas competências e habilidades para que os alunos possam aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. As mudanças em nossa sociedade e os avanços tecnológicos apresentados neste ensaio mostram a necessidade de uma reestruturação da prática de ensino, implementada por uma reflexão crítica



sobre o trabalho do professor em sala de aula e em ambientes digitais. Dessa perspectiva é possível instituir um novo paradigma educacional.

Pode-se perceber que o professor, no exercício de sua profissão, procura favorecer em seu trabalho, uma construção coletiva para melhorar a qualidade da educação e adaptá-la melhor as especificidades dos alunos. Diante disso, é possível conhecer que foram vários os fatores e caminhos que levaram a este cenário de descaracterização da função do professor e sua consequente desvalorização.

## **CONCLUSÃO**

A profissão docente já foi muito conceituada pela sociedade, uma vez que o professor era o centro da escola, visto como exemplo de postura pelas pessoas. Hoje vivemos numa sociedade marcada pelos avanços científicos e tecnológicos, e em meio a tantas mudanças sociais mudou-se significativamente essa percepção da sociedade em relação a profissão docente.

Em decorrência disso, os profissionais da educação tiveram que se adequar para atender às novas exigências da sociedade moderna deixando de ser o centro que agora visa o aluno e mesmo a escola, ainda hoje permanecendo como a responsável pela sistematização do conhecimento, é formada por um corpo docente que nem sempre recebe a devida atenção no sentido de garantir melhores condições para exercício da profissão., de tal maneira que a formação adequada que prepare para essas mudanças bem como a valorização dos professores tem sido um desafio.

## **BIBLIOGRAFIA.**

MORIN, Edgar - Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 3a. Edição. Brasília: Cortez, <http://revistapontocom.org.br/artigos/quem-e-o-professor-do-seculo-xxi2001>.